

**DESTAQUES
DO PORTAL
A TARDE**



Kin Kin / Divulgação

Loja promove aula de adestramento de cães e feira de doação
atarde.com.br/bahia

Acompanhe em tempo real os lances de Vitória x Bahia
atarde.com.br/esportes

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Repórter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL *Permanente exclusão*

A brutalidade contra indígenas no domingo passado em Bahias, povoado no estado do Maranhão, antes de qualquer julgamento ou apontamento de quem é certo e o errado, é um caso que expõe a fragilidade de ser descendente de nativos americanos e viver num Brasil que pouco resguardou do passado pré-invasão portuguesa em 1500 – numa outra ótica, o que são apenas palavras trocadas, do passado pré-descobrimto.

Gamala é o nome da etnia da tribo que foi atacada por um grupo de pistoleiros ligados a fazendeiros, que segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), foi consequência de disputa de terras no pequeno povoado do

município maranhense de Viana.

O enredo é conhecido, apesar de ser “coisa de índio”, como o popularesco brasileiro perpetuou de geração em geração para diminuir um assunto ou ação: cada parte reivindica que tem direito sobre a

A exclusão do índio no processo histórico do Brasil é irreparável, uma exclusão permanente

terra, desde a década de 1980 sob o controle de fazendeiros. No entanto, líderes da etnia Gamala há três anos comandam a retomada daquele espaço.

Esta é uma dinâmica que se arrasta em diversos pontos do território nacional, numa disputa complexa que nem lei ou documentos, até mesmo intervenção do governo federal ou da desmantelada Fundação Nacional do Índio (Funai) – mais isolada do que qualquer etnia que resiste ao contato com outros homens – têm conhecimento necessário para mediar a demarcação de terras no país. Tem a ver, mesmo, com representatividade, e a exclusão do índio no processo histórico do Brasil é irreparável, uma exclusão per-

manente. Na escola, por exemplo, pouquíssimo se fala dos nativos brasileiros, suas etnias e resistências. Como integrá-los agora?

Sem apoio do governo para reaver muitas das terras ocupadas, algumas em episódios tão sanguinários como o do domingo passado no Maranhão, os índios perdem direitos num Brasil em que os antepassados assistiram bestializados ser desmatado e corrompido para bem longe do que as tantas etnias entendiam como habitat natural. Mas, quando interdita estradas, canteiros de obras e invadem o Palácio do Planalto, os índios devem ser penalizados pelas mesmas leis que os excluem.

BRUNO AZIZ



Onde está a lucidez humana?

Yvette Amaral

Professora universitária
yvetteleamosamaral@gmail.com

Na década de 80 ou 90 do século XX, não me lembro bem, houve uma feira de tecnologia no Centro de Convenções. Pela primeira vez, a internet foi apresentada ao público soteropolitano. O técnico, depois de passar informações básicas sobre a grande novidade no cenário da informática, se colocou à disposição para esclarecer dúvidas. Fiz-lhe uma pergunta: quem é o responsável pela internet? Disse ele: ninguém.

A sua resposta me atemorizou. Compreendi que um invento de tanto poder na sociedade seria um perigo funcionar sem alguém que controlasse prováveis ações da fraqueza humana. Entregar a internet à consciência individual e coletiva é utopia quando ainda temos provas inequívocas de que o homem nem sempre orienta a sua liberdade pelos cânones da ética e do bem comum.

E agora a pergunta mais angustiante ainda, diante da última novidade digital: a Baleia Azul. Como pescá-la e mantê-la numa prisão para ela não causar mais tragédias a internautas imaturos, jovens inexperientes incapazes de enfrentar o furor das suas guelras?

Atribuem-se ao fatídico jogo fenômenos horripilantes como flagelações e até suicídios entre crianças e adolescentes. Isto não deve ocorrer num momento em que o ser humano está descobrindo o mistério da vida e as motivações da felicidade. Será que a turma jovem não está satisfeita com o novo jeito de viver da sua geração? Para ela, na verdade muitas transformações acontecidas que a beneficiaram, representam a conquista de novos direitos em reação aos dogmas da velha guarda.

Na gênese de um suicídio está o desencanto que pode levar o homem ao desespero. Não viola o instinto de conservação tão forte na pessoa humana quem é feliz. Santo Agostinho, cérebro genial, confessa depois de tanto procurar a paz interior: “Senhor, fizeste-nos para Ti e nosso coração não descansa enquanto não descansar em Ti”. Será que Deus não está fazendo falta a eles?

Lamentavelmente fica provado que o todo poderoso cidadão da pós-modernidade evoluiu racionalmente, multiplicou conquistas científicas e tecnológicas, mas não conseguiu controlar os frutos das suas vitórias. A Baleia Azul e outros fenômenos da cultura digital sinalizam uma defasagem entre os avanços da ciência e da técnica e o amadurecimento humano. Está na hora dos responsáveis pelas comunidades sentirem a necessidade de parâmetros na saga tecnológica. Não podemos continuar a reboque da loucura de alguns perniciosos que agem sem discernimento. É utopia pensar-se que a consciência coletiva pode rastrear a liberdade do homem. Se não houver limites impostos por legislações, as feras satânicas continuarão destruindo a felicidade da criatura humana e arruinando o próprio destino da humanidade.

A morte e as mortes do centro histórico

Paulo Ormino de Azevedo

Arquiteto, professor titular da Ufba
pauloormindo@gmail.com

Não é só o centro histórico que está enfermo. O Comércio, antigo centro financeiro do estado, está enfermo também. Conheço inúmeros edifícios relativamente novos que têm um só elevador funcionando e são abastecidos por carros pipas, porque têm dívidas enormes com a Embasa e a Coelba. Os proprietários de suas salas buscam quem se comprometa apenas a pagar o condomínio e o IPTU. Não é muito diferente a situação da Av. 7 de Setembro e Rua Chile, a main street de Salvador até os anos 60.

Será que podemos criminalizar os proprietários desses imóveis por omissão, ou será que o problema é mais profundo, resultante de políticas públicas comprometidas? O nosso centro tradicional foi condenado com a transferência de suas funções centrais, na década de 1970, para um

novo centro periférico, na maior transação imobiliária que esta cidade já viu, quando se transformaram glebas rurais de patacas em lotes dourados comerciais com o investimento público. O poder político e a administração estadual foram transferidos para o CAB e o econômico e comercial para o Iguatemi. Como se não bastasse, em 1992 se expulsou a população e se excluiu o Centro Antigo e o Comércio do projeto do metrô. O drama da área é resultado do conchavo imobiliário.

Quando o Iguatemi e a Paralela se transforma em um dos locais mais congestionados, e inóspitos da cidade, a Orla do Atlântico, sem um parque costeiro capaz de amenizar a maresia, vira uma zona de motéis e shoppings decadentes e o estoque de terrenos do Corredor da Vitória se esgota, o capital imobiliário se propõe, candidamente, a revitalizar o Centro Antigo. Uma senhora compra 150 imóveis em Santo Antônio Além do Carmo, outro cavalheiro adquire igual número de imóveis na Rua Chile e projetos imobiliários para o Largo Dois de Julho e

o Sodré são apresentados. Se pensam que vão verticalizar o Centro Antigo, se enganam.

Acho positivo que a Prefeitura se interesse pelo Centro Antigo, mas não creio que vá se resolver o problema pela justialização e mercado imobiliário. Para reconstruir 1500 ruínas e recuperar uma área tão extensa não bastam isenções fiscais. Quem são esses proprietários virtuais? Tirando uma franja com vista para a baía, que pode interessar à pequena hotelaria, não creio que a nossa burguesia possa querer morar em apartamentos sem garagem, playground e transporte na porta. Creio sim num plano urbanístico que envolva União, Estado e município com investimentos pesados em mobilidade e recuperação de ruínas e pardieiros para uma clientela de “Minha casa, minha vida”, que inclua as 3.000 famílias carentes que foram o sal da área e outros setores sociais, como funcionários públicos, comerciários e estudantes. Sem essa decisão política, vai se continuar morrendo e liquidando o Centro Antigo.

A TARDE

Fundado em 15/10/1912

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: RENATO SIMÕES

Vice-Presidente: VERA MAGDALENA SIMÕES

Diretor Geral: ANDRÉ BLUMBERG | Diretora de

Redação: MARIANA CARNEIRO | Diretor Comercial:

EDMILSON VAZ | Diretor de Operações: CLEBER

SOARES | Diretor Controller: DILSON SANTIAGO |

Gerente Industrial: ÉLIO PEREIRA



ASSOCIADA
À SIP -
SOCIEDADE
INTERAMERICANA
DE IMPRENSA



MEMBRO
FUNDADOR DA ANJ
- ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNAIS



ASSOCIADA
AO IVC -
INSTITUTO
VERIFICADOR DE
COMUNICAÇÃO



PREMIADA
PELA
SOCIETY
FOR NEWS
DESIGN

SEDE: RUA PROFESSOR MILTON CAYRES DE BRITO, N.º 204, CAMINHO DAS ÁRVORES, CEP: 41.820-570, SALVADOR/BA. FALE COM A REDAÇÃO: (71)3340-8800, (71)3340-8500, FAX: (71)3340-8712 OU 3340-8713, DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 6:30 À MEIA-NOITE. SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS: DAS 9:00 ÀS 21 HORAS. SUGESTÃO DE PAUTA: CIDADAOEREPORTE@GRUPOATARDE.COM.BR, (71)3340-8991. CLASSIFICADOS POPULARES: (71)3533-0855. CIRCULAÇÃO: (71)3340-8612; CENTRAL DE ASSINATURA: (71)3533-0850.